A IGREJA CORROMPIDA

Apocalipse 2.1-7

Introdução

Conforme se vê no texto central deste estudo, já no primeiro século, muitos problemas de ordem doutrinária e prática eram enfrentados pelas igrejas.

Nas cartas do Apocalipse (Ap 2 e 3), o apóstolo João (o último dos apóstolos; morreu por volta do ano 98) mostra que algumas igrejas da Ásia Menor, já naquele tempo, estavam ameaçadas. Esse é um risco que sempre ameaçou as comunidades cristãs.

Contudo, muitas comunidades têm permanecido fiéis à tradição apostólica. E há sempre o apelo da parte do Senhor: *"Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras" (Ap 2.5).*

Muitos foram os fatores que ameaçaram a igreja. Alguns serviram para seu fortalecimento e a consolidação da fé cristã. Outros, porém, contribuíram para o enfraquecimento e a perda das qualidades cristãs. Vejamos:

1. Ameaças internas – as heresias

Arianismo: Surgiu no século IV com um presbítero da igreja de Alexandria, no Egito chamado Ário, que resistia à doutrina da natureza divina de Jesus Cristo. Foi combatido nos concílios de Niceia (325) e de Constantinopla (381). Ário sustentava que Jesus Cristo era uma criatura. Ele foi a primeira criação ex nihilo (do nada) de Deus. Ele não deve ser comparado com outras criaturas, porque difere delas, tendo primazia entre todas. Todavia, ele não possui autoexistência. Portanto, segundo os arianos, Jesus Cristo não era essencialmente Deus.

O arianismo espalhado por muitas ideias no norte da África e da Ásia causou preocupação em muitos bispos. Por providências de Constantino, o imperador, foi convocado o primeiro concílio geral da igreja, que se reuniu em Niceia em 325. As ideias de Ário foram condenadas nesse concílio, que afirmou a coessencialidade de Jesus Cristo com o Pai. Nesse concílio estiveram presentes bispos e presbíteros praticamente de todas as partes do império. O arianismo renasceu na era moderna com as Testemunhas de Jeová que veem em Ário um precursor de C.T. Russel.

A Confissão de Fé de Westminster (1648), segue os documentos dos Concílios da Igreja, ou seja, Niceia e Calcedônia.

"O Filho de Deus, a segunda Pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai e igual a ele" (Capítulo 8.2). Textos bíblicos (Mt 16.16; Jo 1.1,14; Gl 4.4; Fp 2.6; Hb 2.14,17; 4.15; 1 Jo 5.20).

Contra o arianismo, a Confissão de Fé de Westminster ensina:

- Que Cristo é Filho de Deus;
- Que é a Segunda Pessoa da Trindade;
- Que o Filho é Verdadeiro Deus;
- Que o Filho é Deus eterno;
- A consubstancialidade do Filho com o Pai;
- A igualdade do Filho com o Pai.

Apolinarismo: Surgiu no século IV com Apolinário de Laodiceia (310-390), um jovem cristão de rara inteligência e reconhecida piedade, que tentou criar um modo de explicar a natureza de Jesus, sua humanidade e divindade, segundo o qual Jesus Cristo teria um corpo humano, porém dotado de uma mente exclusivamente divina. O apolinarismo foi o precursor das grandes lutas cristológicas que lançaram Antioquia contra Alexandria, tendo Roma por árbitro, e o resultado final foi o cisma monofisita permanente da cristandade, depois do Concílio de Calcedônia, em 451. O *"monofisismo"* defende que Cristo tem uma única natureza: a divina.

Foi qualificado como heresia, em 381, pelo Primeiro Concílio de Constantinopla, que definiu a posição ortodoxa de que Cristo seria totalmente homem e totalmente Deus.

Nestorianismo: Surgiu no século V, com Nestório (386-351) bispo de Constantinopla. Combateu de forma ferrenha o arianismo. Porém, sua polêmica com a igreja se deu não em função da situação de Cristo na Trindade, mas em relação à encarnação. Ele defendia que, tendo Jesus uma natureza divina e uma natureza humana, Maria seria mãe apenas do Jesus humano, não

podendo, portanto ser chamada de *"Mãe de Deus".* Quanto à atribuição desse título a Maria, os protestantes também discordam da posição católica.

Monofisismo: Doutrina sustentada por um monge de Constantinopla, chamado Eutiques, no século V. Combateu implacavelmente o nestorianismo, caindo no extremo de negar as duas naturezas de Cristo. Afirmava que a natureza divina havia absorvido a natureza humana, anulando-a portanto. Pode-se dizer que as raízes do monofisismo estavam no antigo docetismo. O docetismo (do grego **dokeo**), *"para parecer".* Doutrina herética existente nos séculos II e III que negava a existência de um corpo material a Jesus Cristo, que seria apenas espírito.

Esses embates resultaram, por um lado, em perdas na comunhão cristã, por outro lado, significava ganhos doutrinários. É uma pena, porém, que nem sempre tenha sido possível seguir a verdade em amor (Ef 4.15,16).

2. A influência da herança pagã

Eram considerados *"pagãos*", a partir do século II, todos os habitantes do Império Romano que não professavam a fé cristã.

Com a transformação do cristianismo em religião oficial do Império, a partir de 538, inúmeros pagãos passaram a professar a fé cristã, sem que tivessem passado pela experiência de conversão a Cristo e sem nenhum compromisso com os princípios de vida cristã. Essa prática de receber muitas pessoas de forma apressada e sem o devido preparo, se estendeu por toda a Idade Média. Consequentemente, a saúde espiritual da igreja e o seu testemunho se tornaram cada vez mais enfraquecidos. Faltava instrução bíblica, discipulado cristão e santidade cristã. Isso favoreceu o desenvolvimento de todo tipo de superstições entre os crentes.

O culto dos santos é um exemplo. Era natural que se tributasse veneração aos mártires e a outros homens e mulheres famosos por sua santidade. A veneração dos santos transformou-se rapidamente em adoração. Começaram a venerar relíquias, partes dos corpos e objetos que pertenceram aos santos e a tributar a esses objetos poderes miraculosos. Tudo isso foi fácil para aqueles que ainda persistiam nas superstições do paganismo.

3. A sedução do mundanismo

A partir da institucionalização da igreja e seu atrelamento ao poder temporal, ela caminhou a passos largos para a corrupção. A igreja foi adquirindo poder econômico e político e perdendo poder espiritual. De serva transformou-se, em senhora; de igreja perseguida, em igreja perseguidora. A essa altura, os interesses temporais já falavam mais alto que a tradição apostólica, ditando as aspirações e os rumos da igreja.

Embora houvesse nas comunidades locais muitos sacerdotes piedosos e tementes a Deus, gente simples e fiel aos princípios cristãos, boa parte do clero estava mais preocupada com poder político, riquezas materiais, prazeres carnais, ou seja uma vida mundana. A igreja agia no sentido de se tornar uma instituição cada vez mais poderosa econômica e politicamente. Ela já não podia mais dizer como Pedro, pois agora, tinha prata e outro, mas não tinha poder espiritual (At 3.6).

No período medieval, a degradação invadiu e dominou a igreja. Por toda a Europa, sacerdotes escandalosos superavam, numericamente, os de vida honesta. Não somente a ignorância e o abandono dos deveres eram frequentes, mas também a vida luxuriosa, grossa imoralidade, roubo e simonia, isto é, a venda de ofícios eclesiásticos. O alto clero não era melhor, talvez pior. A simonia era a maneira regular e reconhecida de obter um bispado; e para alguns deles havia preço fixo. Nem o papado ficou isento. Seu estado por mais de 150 anos, a partir de 890, era vergonhoso, vil ao último grau. O ofício que tinha sido elevado por Gregório I e Nicolau, passou por toda a sorte de desgraças.

A igreja mergulhou numa situação deplorável, ocorrendo o que adverte Provérbios 29.18: *"Não havendo profecia, o povo se corrompe".*

Estudo bíblico ministrado pelo Rev. Paulo Gérson Uliano, dia 10/09/2017, na Primeira Igreja Presbiteriana de Indaiatuba

Os 10 papas mais infames da História

Massacres, prostituição, assassinatos, estupros e até a venda do Trono de Pedro - tudo já foi possível

Papas particularmente ruins praguejaram a Igreja do século 10 ao 16. Nessa época, havia uma enorme promiscuidade entre a política dos nobres e a da Igreja, e pessoas sem qualquer formação religiosa - ou sequer interesse na vida religiosa - podiam chegar ao Trono de Pedro. A corrupção desses papas seria um dos motivadores da Reforma Protestante. E a Reforma mudaria a dinâmica do poder entre reis e papas, também pondo uma enorme pressão sobre a Igreja Católica, encerrando a era dos escândalos.

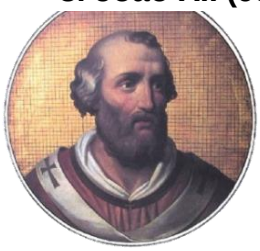
1. Estêvão VI (896-897): Reanimator

Para agradar aliados políticos, mandou escavar o corpo putrefato do seu antecessor, o papa Formoso, e o pôs num trono para que fosse julgado, no que ficou conhecido como Sínodo do Cadáver. Condenado, o corpo teve os dedos cortados, para que todas suas bênçãos fossem consideradas inválidas. Foi enterrado, desenterrado outra vez e atirado ao rio Tibre. O julgamento causou escândalo e o papa foi preso e estrangulado meses depois.

4. Sérgio III (904-911): Reanimator II - A paródia pornô

Julgar cadáveres não era suficiente para Sérgio, que mandou executar seus dois antecessores. Não suficiente porque ele, de fato, julgou: mandou desenterrar outra vez o pobre Formoso, anulou outra vez todas suas decisões e providenciou um túmulo mais honrado para Estêvão, que havia morrido em desgraça. Era também um grande festeiro: seu papado foi o início da *"pornocracia",* o domínio das prostitutas com que os papas se cercavam. Com uma delas, Sérgio teve um filho, que se tornaria o papa João XI.

3. João XII (955-964): O papa Ricardão



Transformou a Basílica de São João de Latrão em um bordel e foi acusado de adultério, prostituição e incesto. Convocou um Sínodo para declarar a si mesmo inocente e mandou matar seus acusadores. Foi morto por um marido ciumento, enquanto no ato de cometer adultério com a esposa do homem.

4. Benedito IX (1032 − 1044, 1045, 1047 – 1048): O vendedor do Trono de Pedro

A razão da pilha de números acima é que o Benedito vendeu seu papado e se arrependeu. O trono papal foi um presente de seu pai. Assumiu pela primeira vez aos 20 anos. Acumulando escândalos e decidido a casar, ofereceu a cadeira a seu padrinho, o padre Giovanni Gratian - ao custo de suas *"despesas"* com a eleição. Como o casamento não deu certo, voltou à Roma e conquistou a cidade militarmente. Expulso, faria mais uma vez. Foi acusado de assassinatos, estupros, bestialidade, sodomia...enfim, a ficha-corrida média dos piores papas de seu tempo.

5. Inocente IV (1243-1254): O pai da tortura

Este não foi condenado por seus contemporâneos. Não se envolveu em nenhum escândalo e o que fez era considerado perfeitamente sensato. Mandou confiscar e queimar todos os talmudes, o livro sagrado extra-bíblico dos judeus - mas tentou evitar que eles fossem linchados pelo populacho e exigiu que os cruzados não os massacrassem. Mas a parte mais influente de seu legado seria a bula Ad Extirpanda, de 1252. Ela autorizou e regulamentou o uso de tortura pela Inquisição. A regra era que não podia haver mortes ou amputações, e que as execuções seriam feitas por autoridades seculares - que podiam confiscar a propriedade como ressarcimento pelo serviço prestado - não é difícil imaginar a que isso levou: condenações por *"heresia"* por puro interesse econômico.

6. Bonifácio VIII (1294-1303): Ele queria dominar o mundo (e era ateu)

Séculos antes, um papa tinha o complexo que seria chamado *"de Napoleão"*. Declarou o poder absoluto do pontífice sobre todos os outros governantes. Com seu exército, saqueou e queimou a cidade de Palestrina em 1298, fazendo 6 mil mortos. Foi deposto militarmente pelos franceses. Curiosamente para quem queria o papa como imperador do mundo, parece que não acreditava em Deus. Ele teria afirmado diante de bispos, arcebispos e um rei: *"Nunca existiu jesus e a hóstia é só água e farinha. Maria não era mais virgem que minha própria mãe e não existe mais problema em adultério que em esfregar uma mão na outra".*

7. Urbano VI (1378-1389): Choro e ranger de dentes

Seu problema era a falta de diplomacia. Austero e propenso a ataques de fúria, era tão detestado que os cardeais elegeram um segundo papa em seu mandato. Isso deu início ao Cisma do Ocidente, quando o catolicismo teve dois líderes rivais, entre 1378 e 1417 - causando até mesmo uma guerra civil em Portugal, entre facções que apoiavam papas rivais. Sua *"solução"* foi mandar torturar os cardeais que o rejeitaram, reclamando que não ouvia gritos o suficiente.

8. Alexandre VI (1492-1503): Negócio em família

Membro da família Bórgia, comprou o título, subornando os cardeais. Foi um investimento por todo seu papado – no qual, aliás, gerou 7 filhos bastardos – desviou dinheiro para a família, vendeu posições eclesiásticas, e mandou matar *"hereges"* para confiscar sua propriedade. Na imaginação popular, ainda hoje *"Bórgia"* é sinônimo de libertinagem - a lenda mais picante é que teria cometido incesto com a própria filha. Mas foi também um grande patrono das artes e aceitou em Roma os judeus expulsos da Espanha em 1492.

9. Leão X (1513-1521): Papado ostentação

Na inauguração de seu mandato, ele mandou pintar um menino em ouro e fazê-lo desfilar em Roma, anunciando uma nova "Era Dourada". A criança morreu, mas a festa continuou. Esse seria seu crime: a ostentação. Da família Médici, foi criado desde criança para a carreira religiosa, e não parece ter passado por escândalos sexuais. Mas arruinou os cofres da Igreja com sua gastança em arte e arquitetura. O que levou à ideia de cobrar indulgências, pedir dinheiro para absolver os pecados, revoltando o monge alemão chamado Martinho Lutero.

10. Clemente VII (1523-1534): O destruidor acidental da Renascença

Outro com tara por guerra. Membro da família Médici, suas maquinações políticas levaram à Guerra da Liga de Cognac, em que franceses e italianos enfrentaram espanhóis e alemães. Em 1527, uma tropa alemã-espanhola se amotinou com a falta de pagamento e rumou para Roma, que foi saqueada e arruinada. Com isso, Clemente seria o maior responsável pelo fim da Renascença italiana.